

# SEM FEMINISMO, NÃO HÁ AGROECOLOGIA

*Iridiani Graciele Seibert, Azra Talat Sayeed,  
Zdravka Georgieva e Alberta Guerra\**



Iridiani Graciele Seibert é membro do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) (Brasil), que faz parte da organização La Vía Campesina (LVC); Azra Talat Sayeed é membro da Roots for Equity (Raízes pela Equidade, Paquistão) e presidente da International Women's Alliance (IWA, Aliança Internacional da Mulher); Zdravka Georgieva é pesquisadora em pós-doutorado da Universidade de Sofia (Bulgária), e actualmente apoia o Secretariado do Mecanismo de Participação da Sociedade Civil e Povos Indígenas (CSM) em Roma; e Alberta Guerra é analista sénior de políticas públicas da ActionAid USA (Itália).

\* Este artigo é baseado num documento de visão sobre feminismo e agroecologia escrito pelo Grupo de Mulheres Eleitoras e Grupo de Trabalho do CSM. Este documento foi elaborado no início de 2019 através de um processo consultivo, facilitado por Iridiani Graciele Seibert e Azra Talat Sayeed, como co-facilitadoras do Grupo de Mulheres Eleitoras do CSM e do Grupo de Trabalho.

O CSM foi fundado em 2010, como uma parte autónoma e essencial do Comité da ONU de Segurança Alimentar (CSA), para facilitar a participação da sociedade civil e articulação nos processos políticos do CSA.

*“A participação do feminismo na luta contra a crise alimentar encontra a sua melhor representação no paradigma da agroecologia e soberania alimentar, aplicando as práticas de solidariedade por meio de ações colectivas que desafiam papéis de género e paradigmas de desigualdade, opressão e exploração.”*

#### AGRADECIMENTOS |

Um agradecimento especial a Ruchi Tripathi (ActionAid International), Nettie Wiebe (La Via Campesina), Sarojeni Rengam (Pan Asian Pacific para um futuro justo e sem pesticidas, PANAP), Isabel Alvarez Vispo (URGENCI), Teresa Maisano (Secretariado do CSM) Christina Schiavoni (Institute of Social Studies, ou Instituto Internacional de Estudos Sociais, ISS) e M. Alejandra Moreno (FIAN Internacional) pelo apoio na elaboração e revisão deste artigo.

#### FOTO |

[Global Justice Now](#) / CC BY 2.0.

1 FAO, FIDA, UNICEF, PAM e OMS. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2018. Building climate resilience for food security and nutrition* (O estado da segurança alimentar e nutricional no mundo 2018. Construindo resiliência climática para a segurança alimentar e nutricional). Roma: FAO, 2018. Disponível em inglês, francês e espanhol em: [www.fao.org/state-of-food-security-nutrition/en](http://www.fao.org/state-of-food-security-nutrition/en).

2 SOFI 2018. Nota supracitada, 1.

O nosso planeta está à beira do colapso ambiental e a fome está a aumentar. De acordo com o Relatório sobre o Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo de 2018 (SOFI), o número de pessoas afectadas pela desnutrição e privação crónica subiu pelo terceiro ano consecutivo: 821 milhões de pessoas sofriam de subnutrição em 2017, um aumento de quase 5% em relação aos 784 milhões de 2015.<sup>1</sup> Face a esta realidade, é fundamental que se dê atenção especial ao papel das mulheres, que são desproporcionalmente afectadas pela fome, bem como pelas mudanças climáticas, apesar destas serem uma parte crucial da solução para estes problemas. Este artigo propõe-se a demonstrar que o papel das mulheres é particularmente importante no avanço da agroecologia, como um pilar fundamental da soberania alimentar, e que há vínculos indissolúveis entre as lutas do feminismo e da agroecologia. O artigo ressalta a importância de se adoptar uma abordagem feminista para a promoção da agroecologia e a realização do direito humano à alimentação e nutrição adequadas para que se alcancem sistemas alimentares sustentáveis e justos.

#### MULHERES E (IN)SEGURANÇA ALIMENTAR

As mulheres representam cerca de 43% da força de trabalho nos países em desenvolvimento, apesar da falta de acesso igualitário aos recursos produtivos necessários para a agricultura.<sup>2</sup> As cerca de nove em cada dez propriedades rurais são administradas por famílias globalmente, e 80% dos alimentos do mundo são produzidos por propriedades rurais familiares e pequenos produtores. As mulheres desempenham um papel fundamental em todas as etapas de produção de alimentos, incluindo a colheitas de sementes,<sup>3</sup> a preparação da terra, ceifa, pecuária, pesca e confecção de redes, colheita e armazenamento, bem como o processamento,



embalagem e comercialização de alimentos.<sup>4</sup> As mulheres das zonas rurais são tradicionalmente responsáveis pelo cuidado do lar e da família, gastando até 10 horas por dia cuidando de membros da família e da comunidade (jovens, velhos e doentes), limpando e cozinhando, procurando água, forragem e combustível.<sup>5</sup>

No entanto, apesar de seu papel fundamental, as mulheres nas áreas rurais enfrentam discriminação de gênero e uma série de restrições sociais, legais e culturais. Primeiro, elas têm um acesso mais limitado do que os homens à terra, recursos produtivos e financeiros, educação, saúde, extensão rural, mercados, iniciativas de adaptação ao clima e oportunidades de emprego.<sup>6</sup> Em segundo lugar, elas estão sujeitas à exclusão social no processo de tomada de decisões e dos mercados de trabalho, bem como à exploração sexual e à violência doméstica.<sup>7</sup> O atual aumento de choques climáticos, eventos climáticos extremos e desastres relacionados ao clima pioram ainda mais o status das mulheres.

As relações de poder patriarcal, feudal (particularmente no contexto asiático) e capitalista, juntamente com a atual divisão de trabalho com base no sexo praticada pelas políticas agrícolas e a 'cegueira de gênero', estão entre as causas das desigualdades de gênero, discriminação e marginalização das mulheres, especialmente nas áreas rurais. O reconhecimento, a realização e a proteção dos direitos humanos das mulheres, através da implementação de instrumentos de política internacional são elementos-chave para a desconstrução da assimetria acima mencionada das relações de poder.<sup>8</sup> As mulheres são em grande parte invisíveis, e seu trabalho é visto apenas como uma ajuda ao trabalho masculino ou como uma "obrigação feminina". O conhecimento tradicional e nativo das mulheres é desconsiderado na agricultura comercial industrial: as mulheres estão entre os grupos mais vulneráveis no que se refere à tomada de recursos de terra e mar por investidores e interesses privados, bem como objecto de criminalização na sua tentativa de defender as suas comunidades, recursos naturais e corpos.<sup>9</sup>

Apesar da marginalização que enfrentam, e devido ao patriarcado, o abastecimento de alimentos pelas mulheres não recebe apoio. As mulheres geralmente empregam conhecimento tradicional para garantir a qualidade das dietas das suas famílias enquanto mantêm a biodiversidade. Além disso, devido aos papéis de cuidado atribuídos ao gênero, suas responsabilidades são cruciais para defender a sua própria segurança alimentar e das suas comunidades. Embora tais atividades não gerem necessariamente dinheiro, elas são fundamentais para a sobrevivência e a reprodução. As políticas públicas devem reconhecer esse papel das mulheres e aumentar o foco na redistribuição, reconhecimento e representação do trabalho feminino e na realização dos direitos humanos produtivos e reprodutivos das mulheres.

#### AGROECOLOGIA: O CAMINHO A SEGUIR

A agroecologia — uma ciência, prática e movimento social que visa promover práticas agrícolas que são ambientalmente sustentáveis e socialmente justas<sup>10</sup> — é do interesse de comunidades rurais com poucos recursos não só porque é uma solução de base acessível e disponível, mas também porque desafia as dinâmicas de poder no atual regime agroalimentar explorador e opressivo. Ao promover a integração das ciências sociais, biológicas e agrícolas com o conhecimento tradicional e cultural, a agroecologia é localmente adaptável a um contexto específico e refinada através da experimentação participativa da produção agrícola.

Para mais informações sobre o papel das mulheres como guardiãs de sementes, ilustrado por um exemplo da África, consulte: Pischorn-Strauss, Elfrieda. "African Food Sovereignty: Valuing Women and the Seed They Keep" (Soberania alimentar africana: valorizando as mulheres e a semente que elas mantêm), *Right to Food and Nutrition Watch* (2016):49-51. Disponível em inglês em: [www.righttofoodandnutrition.org/african-food-sovereignty](http://www.righttofoodandnutrition.org/african-food-sovereignty).

4 FIAN International. "Fishing for Gender Justice on Women's Day" (Em busca da justiça de gênero no dia da mulher. FIAN International News, 8 de março de 2019. Disponível em inglês em: [www.fian.org/en/news/article/fishing-for-gender-justice-on-womens-day-2165](http://www.fian.org/en/news/article/fishing-for-gender-justice-on-womens-day-2165).

5 Wijeratna, Alex. *Agroecology: Scaling-up, scaling-out* (Agroecologia: ampliação e expansão) Johannesburg: ActionAid, 2018.

6 SOFI 2018. Nota supracitada, 1.

7 SOFI 2018. Nota supracitada, 1.

8 Um dos principais instrumentos é a Recomendação Geral 34 sobre os direitos das mulheres rurais, adotada após um processo consultivo em 2016 pelo Comitê para a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (Comitê CEDAW). OHCHR. *Recomendação Geral No. 34*. OHCHR, Sexagésima-terceira sessão, 2016. Disponível em inglês, árabe, chinês, espanhol, francês e russo em: [www.ohchr.org/en/hrbodies/cedaw/pages/recommendations.aspx](http://www.ohchr.org/en/hrbodies/cedaw/pages/recommendations.aspx). A recém-adotada Declaração dos Direitos dos Camponeses da ONU também contém disposições sobre os direitos das mulheres nas áreas rurais, particularmente no artigo 4. Assembleia Geral da ONU. Declaração sobre os direitos dos camponeses e outras pessoas que trabalham em áreas rurais. A/C.3/73/L.30 de outubro de 2018. Disponível em inglês, árabe, chinês, espanhol, francês e russo em: [undocs.org/en/A/C.3/73/L.30](http://undocs.org/en/A/C.3/73/L.30).

9 Para mais informações sobre a criminalização de mulheres, tendo as Honduras como um exemplo, consulte o artigo "Migrar para sobreviver: Um diálogo entre mulheres da Guatemala, Honduras e México" nesta edição do *Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição*.

10 Para uma definição de agroecologia na perspectiva dos movimentos sociais, consulte: Declaração do Fórum Internacional de Agroecologia. Nyéleni, Mali, 27 de fevereiro de 2015. Disponível em inglês em: [www.foodsovereignty.org/wp-content/uploads/2015/02/Download-declaration-Agroecology-Nyeleni-2015.pdf](http://www.foodsovereignty.org/wp-content/uploads/2015/02/Download-declaration-Agroecology-Nyeleni-2015.pdf).

A agroecologia pode criar melhores oportunidades para as mulheres a vários níveis. Primeiro, cria um trabalho significativo, integrando diversas tarefas e formas específicas de conhecimento, proporcionando um papel diversificado para as mulheres na economia familiar, desafiando, ao mesmo tempo, as estruturas patriarcais dentro da unidade familiar. Em segundo lugar, como a partilha e a aprendizagem de agricultor(a) para agricultor(a) estão no centro de agroecologia, a busca de métodos agroecológicos requer espaços e oportunidades para esse intercâmbio e constrói coesão social. Isso inclui espaços só para mulheres, que são de alta importância para a consecução da igualdade de género, a formação de solidariedade, autonomia e fortalecimento do trabalho criativo e colectivo das mulheres em direção à autodeterminação. Em terceiro lugar, a agroecologia promove melhores oportunidades económicas para as mulheres. Caracterizada por baixos custos iniciais e de produção, técnicas produtivas simples e eficazes e rendimentos que são estáveis ao longo do tempo, a agroecologia é menos arriscada e mais barata e acessível para as mulheres. Em quarto lugar, a agroecologia beneficia a saúde tanto dos trabalhadores quanto dos consumidores, eliminando produtos químicos sintéticos prejudiciais, que têm um impacto negativo desproporcional sobre a saúde das mulheres.<sup>11</sup> Além disso, a diversificação de culturas, frutas e gado enriquece as dietas e a autosuficiência das famílias ao aliviar a carga de trabalho de cuidado das mulheres. Finalmente, a agroecologia promove a biodiversidade e o conhecimento tradicional, afirmando o papel crucial das mulheres como guardiãs de sementes e do conhecimento tradicional nativo. Por último, mas não menos importante, na sua dimensão política, a agroecologia procura alcançar um sistema mais justo, portanto, a sua implementação pode desconstruir e tornar todas as formas de injustiça mais visíveis, incluindo as desigualdades sofridas pelas mulheres. Não é suficiente simplesmente incluir as mulheres na implementação de ações: para que o processo seja verdadeiramente inclusivo, as mulheres precisam fazer parte dele desde o início, definindo-o e participando de sua implementação. Não se trata de aumentar as opções das mulheres reconhecidos dentro da economia existente, mas sim gerar uma nova economia, na qual o trabalho produtivo e reprodutivo torna-se visível e compartilhado.

A tão necessária transição para abordagens de base local, diversificadas, ambientalmente sustentáveis e resistentes às mudanças climáticas é realizada através da implementação da agroecologia, como demonstrado por vários estudos sobre o tema. Em Cuba, um estudo realizado pela La Vía Campesina e pela Associação Nacional dos Pequenos Agricultores (ANAP) mostra que a conversão da agricultura baseada na monocultura para a agroecologia melhora as relações dos papéis de género tradicionais e as relações de poder dentro de famílias camponesas. Na Índia, a organização de base para o desenvolvimento social Deccan Development Society também demonstrou experiências positivas resultantes da agroecologia, envolvendo a recuperação colectiva de terras abandonadas por grupos comunitários compostos exclusivamente por mulheres e o retorno produtivo de cerca de 80 variedades tradicionais de cultivo em parceria com uma rede *dalit* (casta inferior) de bancos de genes comunitários levada a cabo por mulheres em 60 aldeias.<sup>12</sup> Outros estudos de caso da Índia incluem: 1. O colectivo de mulheres Tamil Nadu através do qual mulheres marginalizadas em áreas rurais já começou novas fazendas colectivas e bancos de sementes, resolvendo assim a falta de acesso aos recursos produtivos das mulheres,<sup>13</sup> e 2. a Sociedade de Apoio a Mulheres Rurais de Manipur, que demonstrou o potencial da agroecologia para o empoderamento das mulheres, mesmo em sociedades que vivem sob ocupação militar.

11 Mrema, Ezra et al. "Pesticide Exposure and Health Problems Among Female Horticulture Workers in Tanzania" (Exposição a pesticidas e problemas de saúde entre mulheres trabalhadoras em horticultura na Tanzânia). *Environmental Health Insights* 11 (2017). Disponível em inglês em: [www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5484550/](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5484550/); London, Leslie et al. "Pesticide Usage and Health Consequences for Women in Developing Countries: Out of Sight, Out of Mind?" (Uso de pesticidas e consequências para a saúde das mulheres nos países em desenvolvimento: O que os olhos não veem, o coração não sente?). *International journal of occupational and environmental health* 8 (2002): 46-59. Disponível em inglês em: [www.environment.gov.za/sites/default/files/docs/pesticides\\_usage\\_health\\_consequencesfor\\_women\\_0.pdf](http://www.environment.gov.za/sites/default/files/docs/pesticides_usage_health_consequencesfor_women_0.pdf); Para mais informações, visite também: [www.pan-uk.org/effects-pesticides-women-children/](http://www.pan-uk.org/effects-pesticides-women-children/).

12 Wijeratna. Nota supracitada 5.

13 Khadse, Ashlesha. *Women, Agroecology & Gender Equality* (Mulheres, agroecologia e igualdade de género). Nova Deli: Foco no Sul Global, 2017.

Além disso, um estudo da ActionAid na África e na Ásia também confirmou que a agroecologia pode fornecer soluções holísticas para as mulheres que vivem em comunidades rurais, cujo trabalho não-remunerado de cuidado familiar (de 5 a 10 horas por dia para as mulheres contra 1,5 horas para os homens) limita o seu acesso à agricultura produtiva. No Ruanda, a cooperativa feminina de pequenas produtoras de Abishyizehamwe estabeleceu uma alternativa agroecológica para ajudar as mulheres a tornarem-se mais plenamente integradas na produção agrícola e na vida comunitária. Através de uma ampla gama de ações, desde a criação de bancos comunitários de sementes e um centro de desenvolvimento da primeira infância até o aproveitamento de águas pluviais, a cooperativa conseguiu economizar tempo para as mulheres, prevenir a erosão do solo, assegurar uma resiliência às mudanças do clima, e a melhorar a produtividade, o poder aquisitivo e a capacidade de tomar decisões das mulheres.<sup>14</sup> No Mali, as mulheres camponesas que praticam a agroecologia e fazem parte da cooperativa COFERSA (Convergência de Mulheres Rurais para a Soberania Alimentar), aumentaram a conscientização sobre os benefícios nutricionais de alimentos locais (por exemplo, fonio, painço e sorgo), e já incentivaram os consumidores a substituir alimentos importados com baixo valor nutricional, como pão fatiado branco, por produtos locais. Dessa forma, as mulheres ganharam mais acesso ao mercado. Curiosamente, “o orgulho em promover a biodiversidade local, baseado no conhecimento e cultura tradicionais e manifestado nas culinárias locais, é uma força motriz para o seu trabalho.”<sup>15</sup>

Esses e outros casos destacam o potencial da agroecologia para realizar os direitos das mulheres no sector agrícola, para enriquecer as perspectivas feministas e fortalecer ainda mais a política para reformular os papéis e as responsabilidades de género. Nesse sentido, a agroecologia fornece uma base sólida para movimentos rurais alternativos em busca de justiça social, incluindo a igualdade de género e o pleno reconhecimento e participação das mulheres como agentes políticos e de mudança.

### FEMINISMO INTERSECCIONAL COMO UMA LUTA POLÍTICA

O feminismo é uma luta política para superar a discriminação e a opressão patriarcal estrutural e sistemática, devido às dinâmicas sociais, políticas e económicas desiguais que afectam a posição das mulheres dentro das famílias, comunidades e sociedade em geral. Para alcançar este objectivo, o feminismo precisa se manter de forma independente, além de fazer parte da luta mais ampla para erradicar a dominação racial, de casta, de classe e de género em todas as suas formas. Por exemplo, é necessário entender que a dominação patriarcal compartilha sua base ideológica com o racismo, o sexismo e o capitalismo, bem como com outras formas estruturais de opressão.<sup>16</sup> A superação da desigualdade de género requer trabalhar com pessoas de todo o espectro de género<sup>17</sup> para desafiar as concepções binárias de feminilidade e masculinidade. O feminismo interseccional<sup>18</sup> lança luz sobre como algumas pessoas são impactadas mais que outras. Por exemplo, os pesticidas afectam mais as trabalhadoras rurais sem terra devido a suas múltiplas identidades; uma família *dalit* liderada por mulheres pode ter dificuldades para obter acesso à terra ou apoio de entidades de extensão rural; e mulheres idosas na comunidade podem ser os maiores repositórios de conhecimento indígena sobre o solo, sementes e práticas agrícolas, mas enfrentam discriminação múltipla devido a seu género, idade e etnia.

A participação do feminismo na luta contra a crise alimentar encontra sua melhor representação no paradigma da agroecologia e soberania alimentar, aplicando as práticas de solidariedade por meio de ações colectivas que desafiam papéis de gé-

14 Wijeratna. Nota supracitada 5.

15 Bezner Kerr, Rachel. “Agroecology and Nutrition: Transformative Possibilities and Challenges” (Agroecologia e nutrição: Possibilidades transformadoras e desafios). Em Burlingame, Barbara, e Dernini Sandro, editores. *Sustainable Diets: Linking Nutrition and Food Systems* (Diets sustentáveis: conectando nutrição e sistemas alimentares). CAB International, 2019. Page 58.

16 Cock, Jacklyn. “A feminist response to the food crisis in contemporary South Africa” (Uma resposta feminista à crise alimentar na África do Sul contemporânea). *Agenda Empowering women for gender equity* (Agenda Capacitação de mulheres para equidade de género) 30:1 (2016). Disponível em inglês em: [www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10130950.2016.1196983](http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10130950.2016.1196983).

17 Para mais informações sobre sistemas alimentares e pessoas do grupo LGBTQI+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgéneros, travestis, intersexuais e género queer), leia o artigo “É hora de sair do armário: diversidade de género no sistema alimentar”, nesta edição do *Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição*.

18 Para mais informações sobre a interseccionalidade de raça, classe e género, ilustrada pelo posicionamento e organização das mulheres negras no Reino Unido, leia o artigo “Mulheres invisíveis: fome, pobreza, racismo e género no Reino Unido”, nesta edição do *Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição*.

19 Por exemplo, em Taiwan, a cooperativa agrícola Land Dyke Feminist Family Farm promove a biodiversidade através da agroecologia, enquanto defende uma nova interpretação do conceito de família e promove conscientização de género nas práticas agrícolas. Nota supracitada 17.

20 Para mais informações, consulte: CSM. “CFS Forum on Women’s Empowerment in the Context of Food Security and Nutrition - Chair’s Summary with Draft Outcomes” (Fórum do CFS sobre o empoderamento das mulheres no contexto da segurança alimentar e nutricional - Sumário do Presidente com resultados preliminares). *CSM Updates and News*, 30 de setembro de 2017. Disponível em inglês em: [www.csm4cfs.org/cfs-forum-womens-empowerment/](http://www.csm4cfs.org/cfs-forum-womens-empowerment/).

21 De acordo com organizações como a WABA (World Alliance for Breastfeeding Action, ou Aliança Mundial para Ação em Aleitamento Materno), membro da Rede Global pelo Direito à Alimentação e Nutrição, “[M]ulheres que *desejam* [ênfase adicionada] amamentar [sic] seus bebês mas não podem – por causa de apoio inadequado da família ou de trabalhadores de saúde, restrições no local de trabalho ou desinformação da indústria de alimentos infantis – são oprimidas e exploradas”. Portanto, para muitas, “amamentar é uma questão importante para as mulheres, é uma questão de direitos humanos e uma questão feminista”. Van Esterik, Penny. “Breastfeeding: A Feminist Issue” (Amamentação: Uma questão feminista). Folha de Atividades da WABA 4. 19 de maio de 2001. Disponível em inglês em: [www.waba.org.my/resources/activitiesheet/acsh4.htm](http://www.waba.org.my/resources/activitiesheet/acsh4.htm). Mais importante, a amamentação pode levar as mulheres ao “centro de tomada de decisões sobre a alimentação de bebês, no lugar de fabricantes de fórmulas infantis e instituições comerciais”. Linnekar, Alison. *Formula for Disaster Weighing the Impact of Formula Feeding vs Breastfeeding on Environment* (Fórmula para desastres: Calculando o impacto da fórmula infantil versus a amamentação no meio ambiente). BPNI e IBFAN-Asia, 2014. Disponível em inglês em [www.bpni.org/documents/FormulaForDisaster.pdf](http://www.bpni.org/documents/FormulaForDisaster.pdf).

22 Para mais informações, consulte o seguinte documento de organizações da sociedade civil, incluindo vários membros da Rede Global pelo Direito à Alimentação e Nutrição: *Public Interest Civil Society Organizations' and Social Movements' Forum Declaration to the Second International Conference on Nutrition* (Declaração do Fórum de Organizações da Sociedade Civil e Movimentos Sociais para a Segunda Conferência Internacional sobre Nutrição) (ICN 2). 21 de novembro de 2014. Disponível em: [www.fao.org/fileadmin/user\\_upload/faoweb/ICN2/documents/CS\\_Declaration\\_to\\_ICN2\\_-\\_English\\_-\\_21\\_Nov\\_14.pdf](http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/faoweb/ICN2/documents/CS_Declaration_to_ICN2_-_English_-_21_Nov_14.pdf).

23 Lima, Marcia Maria, e Vanessa Brito de Jesus. “Questions on gender and technology in the construction of agroecology” (Questões sobre gênero e tecnologia na construção da agroecologia). *Scientiae Studia* 15: 73-10 (2017).

ro e paradigmas de desigualdade, opressão e exploração.<sup>19</sup> O direito à alimentação e nutrição, segurança alimentar e soberania alimentar das mulheres será alcançado apenas pela conquista dos seus direitos humanos. O reconhecimento do papel das mulheres como agentes políticos, cidadãs, organizadoras, facilitadoras e coordenadoras de diferentes iniciativas e movimentos, agentes de sua própria mudança e desenvolvimento, bem como conhecimento, incentivará a sua autodeterminação, possibilitará a sua autonomia e poder de decisão em todos os aspectos da vida, incluindo a produção e consumo de alimentos.<sup>20</sup>

Colocar a invisibilidade do trabalho das mulheres no centro do debate político e reconhecer o seu papel como pessoas ativas e protagonistas nas suas próprias vidas, famílias, comunidades, movimentos sociais e das sociedades, é um passo para o cumprimento do direito a alimentos suficientes, seguros e nutritivos e para todas as mulheres e todas as pessoas.

### AGROECOLOGIA E FEMINISMO: PROMOVEDO OS DIREITOS DAS MULHERES

A partir de uma perspectiva feminista, a agroecologia é e deve ser uma proposta política que reconhece e promove as práticas históricas e sociais das mulheres, da domesticação da agricultura e da produção de alimentos saudáveis e de qualidade à erradicação da fome, insegurança alimentar e desnutrição. É urgente reconhecer que as mulheres estão a construir a agroecologia nas suas práticas quotidianas: resistindo ao modelo predatório do capitalismo agrário; preservando e multiplicando sementes nativas; produzindo alimentos saudáveis e diversificados sem agrotóxicos; criando raças de gado locais e indígenas; promovendo a preservação da biodiversidade local; e realizando a pesca artesanal, protegendo os rios, lagos e mares. Também as mulheres produtoras, no seu papel de cuidadoras, que está enraizado na divisão sexual desigual do trabalho, são as que alimentam o mundo. Da amamentação<sup>21</sup> – considerada por muitos como o “primeiro ato de soberania alimentar”<sup>22</sup> – à preparação dos alimentos na vida diária, as mulheres em muitas culturas são as guardiãs de práticas alimentares saudáveis e promotoras de sistemas de alimentação e nutrição justos.

Além disso, como um modelo que transforma as relações estabelecidas entre os seres humanos, e a natureza, incorporando o respeito, cuidados e solidariedade, a agroecologia está explicitamente relacionada com a questão da autonomia feminina e a construção de espaços de participação igualitária entre homens e mulheres. Nesse sentido, as causas das mulheres, como a igualdade na expressão e participação, igualdade de renda, poder compartilhado e as lutas contra a violência de gênero e o sexismo, são de fundamental importância para o movimento pela agroecologia.<sup>23</sup>

Na intersecção da agroecologia com o feminismo, as mulheres constroem uma identidade colectiva como defensoras dos direitos que historicamente lhes foram negados. Este processo transforma as relações sociais de produção e reprodução nos mundos rural e urbano.<sup>24</sup> As mulheres, em especial as mulheres jovens, tornam-se protagonistas ativas na construção da agroecologia: elas compartilham experiências e conhecimentos com outras; tornam-se responsáveis pela gestão dos recursos financeiros gerados a partir do seu trabalho produtivo; e adquirem autonomia económica e política. Ao introduzir novas dinâmicas nas relações sociais e familiares, o trabalho das mulheres passa a ser valorizado e a sua participação nas decisões sobre ganhos na produção passa a ser igual à dos demais membros da família.<sup>25</sup> Neste sentido, é simplesmente necessário que as mulheres criem espaços



feministas e não mistos em geral. Caso contrário, corremos o risco de ter o efeito oposto, aumentando a nossa carga de trabalho produtivo, permitindo que a inércia reprodutiva permaneça inalterada. Voltar para casa com um rendimento extra não leva necessariamente a uma desconstrução dos papéis de género, e isso pode, na verdade, significar que temos menos tempo para descanso e autocuidado.

A agroecologia permite a superação de muitas das dicotomias que reforçam a divisão sexual do trabalho em todo o sistema alimentar e tornam invisível o trabalho das mulheres. Mostra que não há incoerência entre cuidar da natureza e alcançar uma boa produção. Muitas experiências até mostram que as mulheres podem melhorar a produção ao mesmo tempo em que reduzem a quantidade de trabalho. Como as tarefas de cuidado são vitais tanto para a vida humana quanto para o planeta, elas devem ser compartilhadas como uma responsabilidade de todos: pessoas (de todos os géneros) e estados. A agroecologia avançará e fortalecerá a sua posição assim que a responsabilidade compartilhada das tarefas de cuidado e o reconhecimento dos direitos das mulheres forem consolidados. Com isso em mente, é fundamental que as mulheres se auto-organizem e se apoiem umas às outras nessas transições, a fim de lançar luz sobre a sua opressão.

### **AGROECOLOGIA E FEMINISMO: ALCANÇANDO A SOBERANIA ALIMENTAR**

Dadas as histórias de sucesso, confirmando o impacto positivo da agroecologia sobre a autodeterminação das mulheres, é essencial que os governos apoiem ainda mais a adoção e implementação de políticas públicas que promovam a produção e o consumo de alimentos agroecológicos, a fim de, por um lado, confrontar a situação de insegurança alimentar e nutricional de milhões de mulheres no mundo, assegurando o seu direito à alimentação e nutrição, e, por outro, garantir a recuperação e a preservação da natureza, dada a intensidade da crise climática que o planeta enfrenta. Estas políticas públicas devem garantir a inclusão e participação ativa das mulheres rurais e urbanas, produtoras de alimentos de pequena escala, pescadoras artesanais, pastoras, mulheres indígenas, consumidoras, trabalhadoras agrícolas e do sector de alimentação, camponesas, mulheres sem-terra e ativistas de ONGs.

É necessário que a agroecologia absorva a perspectiva feminista em sua totalidade. Sendo um movimento social e um conjunto de práticas sociais que questionam Injustiças (usurpação dos direitos das mulheres à terra, por exemplo, apropriação de terras, pilhagem de propriedades, privatização da água e da biodiversidade), a agroecologia deve reconhecer e discutir abertamente as desigualdades a que as mulheres estão sujeitas. Não pode haver luta pela agroecologia, práticas e políticas agroecológicas sem a participação das mulheres como protagonistas centrais. O movimento agroecológico deve fazer um esforço concreto para recrutar e treinar mulheres ativistas, especialmente como coordenadoras e líderes. Nesse sentido, é fundamental que as mulheres tenham espaços apropriados para crescer, liderar, compartilhar, aprender e ser recompensada no âmbito da agroecologia.<sup>26</sup>

As lutas feministas e agroecológicas são elementos fundamentais para a efetivação do direito à alimentação e nutrição e à promoção da segurança alimentar e nutricional e da soberania alimentar. A Recomendação Geral 34<sup>27</sup> — uma interpretação oficial sobre os direitos das mulheres que vivem em áreas rurais adoptada em 2016 pelo Comité para a Eliminação de Todas Formas de Discriminação contra a Mulher (Comité CEDAW) — Reconhece a soberania alimentar como o paradigma em que os

24 No mundo urbano, é desafiador mudar os hábitos de consumo e garantir o direito à alimentação e à nutrição devido à carga tripla e aos múltiplos papéis que as mulheres exercem quando se envolvem no trabalho produtivo e reprodutivo, bem como no ativismo. A falta de tempo somada à falta de acesso a alimentos saudáveis são os principais factores incapacitantes para muitas mulheres realizarem o seu direito à alimentação e nutrição em ambientes urbanos. Nesse sentido, é essencial construir pontes e colocar em evidência as desigualdades comuns que as mulheres rurais e urbanas enfrentam. Para mais informações, consulte: Molero Cortés, J. et al., eds. *Salud y Derecho a la Alimentación. Bienestar, equidad y sostenibilidad a través de políticas alimentarias locales* (Saúde, direito à alimentação, bem-estar, equidade e sustentabilidade através de políticas alimentares locais). Valladolid, España: Fundación Entretantos y Red de Ciudades por la Agroecología, 2018. Disponível em espanhol em: [www.ciudadesagroecologicas.eu/wp-content/uploads/2018/12/InformeSalud\\_Definitivo\\_Web.pdf](http://www.ciudadesagroecologicas.eu/wp-content/uploads/2018/12/InformeSalud_Definitivo_Web.pdf).

25 Lopes, Ana Paula e Emilia Jomalinis. *Feminist Perspectives towards Transforming Economic Power - Agroecology: Exploring opportunities for women's empowerment based on experiences from Brazil* (Perspectivas feministas para transformar o poder económico - Agroecologia: Explorando oportunidades para o empoderamento de mulheres com base em experiências do Brasil. Association for Women's Rights in Development (Associação para os Direitos da Mulher no Desenvolvimento, AWID), 2011. Disponível em inglês em: [www.awid.org/sites/default/files/atoms/files/feminist\\_perspectives\\_agroecology.pdf](http://www.awid.org/sites/default/files/atoms/files/feminist_perspectives_agroecology.pdf).

26 Khadse. Nota supracitada 13.

27 OHCHR. Nota supracitada 8.

28 Devido ao risco de cooptação, “os ativistas da soberania alimentar desconfiam de termos como “agricultura climática inteligente” (CSA, na sigla em inglês), que consideram intencionalmente vagos, permitindo que os legisladores e as empresas privadas empreguem seletivamente o repertório da agroecologia. Enquanto deixam a porta aberta para práticas convencionais disfarçadas com rótulos ecológicos. Do ponto de vista da soberania alimentar, abordagens como a CSA falham em abraçar os elementos mais transformadores da agroecologia e da soberania alimentar, como a justiça, que estão na base de sua estrutura”. Para mais informações, consulte: Murphy, Sophia e Christina M. Schiavoni. “Destaque: Dez anos após a crise alimentar mundial: enfrentar o desafio do direito à alimentação.” *Observatório do Direito à Alimentação e à Nutrição*. (2017): 18-30. Disponível: [www.righttofoodandnutrition.org/files/r\\_t\\_f\\_a\\_n\\_w\\_2017\\_por\\_1.pdf](http://www.righttofoodandnutrition.org/files/r_t_f_a_n_w_2017_por_1.pdf).

direitos das mulheres podem ser assegurados, proporcionando-lhes a habilidade de gerenciar e controlar os seus recursos naturais. Apenas transições feitas de uma perspectiva sistêmica e que desconstruam o modelo opressivo são válidas aqui. Nesse sentido, precisamos distinguir as “falsas soluções” que perpetuam um modelo baseado na desigualdade, e devemos evitar a cooptação.<sup>28</sup>

Como detentoras de direitos humanos, as mulheres devem ter participação igual na tomada de decisões sobre as suas terras, a sua produção e as suas vidas. Somente através do paradigma da soberania alimentar e da agroecologia, as mulheres poderão obter reconhecimento e validação de seu trabalho produtivo e de cuidado; garantindo comida para todos; socializando as tarefas de cuidado; retomando responsabilidades coletivas sem distinção de gênero; e promovendo relações de respeito e igualdade entre todas as pessoas, independentemente do gênero. Se o atual modelo de neoliberalismo na alimentação e na agricultura continuar, os camponeses de todos os gêneros continuarão sendo mercantilizados e explorados. Neste paradigma opressivo, o trabalho das mulheres será duplamente explorado e a violência continuará a ser encorajada, tolerada e naturalizada.

A relação entre agroecologia e feminismo é uma construção dialética que se manifesta nas práticas quotidianas. A tarefa essencial para todos nós em nossas organizações sociais, autoridades locais, instituições acadêmicas, ONGs e espaços para a convergência política é promover a segurança alimentar e nutricional e soberania, garantindo a integração completa de perspectivas feministas na agroecologia.

Em particular, os governos devem apoiar as lutas das mulheres pelo seu direito humano à alimentação e nutrição adequadas, autonomia e participação igualitária na tomada de decisões em todos os níveis.





## EM RESUMO

A partir de uma perspectiva feminista, a agroecologia é e deve ser uma proposta política que reconhece e promove as práticas históricas e sociais das mulheres, da domesticação da agricultura e da produção de alimentos saudáveis e de qualidade à erradicação da fome, insegurança alimentar e desnutrição. O importante papel das mulheres no avanço da agroecologia é um pilar fundamental da soberania alimentar, e destaca os vínculos indissolúveis entre as lutas do feminismo e da agroecologia. Este artigo explora essas questões, ressaltando a importância de se adotar uma abordagem feminista para a promoção da agroecologia e a realização do direito humano à alimentação e nutrição adequadas para que alcancemos sistemas alimentares sustentáveis e justos. As relações de poder patriarcal, feudal (particularmente no contexto asiático) e capitalista, juntamente com a atual divisão de trabalho com base no sexo praticada pelas políticas agrícolas e a 'cegueira de gênero', estão entre as causas das desigualdades de gênero, discriminação e marginalização das mulheres, especialmente nas áreas rurais. A agroecologia tem o potencial para desafiar as dinâmicas de poder no regime agroalimentar explorador e opressor atual, para garantir os direitos das mulheres no sector agrícola, enriquecer as perspectivas feministas, alimentar a disposição dos legisladores para reformular as políticas públicas, e fortalecer os papéis de gênero e responsabilidades. A participação do feminismo na luta contra a crise alimentar encontra sua melhor representação no paradigma da agroecologia e soberania alimentar, aplicando as práticas de solidariedade por meio de ações colectivas que desafiam papéis de gênero e paradigmas de desigualdade, opressão e exploração.



## CONCEITOS PRINCIPAIS

- As mulheres representam cerca de 43% da força de trabalho agrícola nos países em desenvolvimento e desempenham um papel fundamental em todas as etapas da produção de alimentos.
- Além disso, devido a papéis de gênero, as mulheres em áreas rurais são tradicionalmente responsáveis por tarefas domésticas, limpezas e cuidado, além de cozinhar, buscar água, forragem e combustível.
- No entanto, apesar de seu papel fundamental, as mulheres nas áreas rurais enfrentam discriminação de gênero e uma série de restrições sociais, legais e culturais.
- O direito humano à alimentação e nutrição adequadas, à segurança alimentar e à soberania alimentar das mulheres será alcançado apenas depois que elas conseguirem ter todos seus direitos humanos respeitados.
- Como um modelo que transforma as relações estabelecidas entre os seres humanos, e a natureza, incorporando o respeito, cuidados e solidariedade, a agroecologia está explicitamente relacionada com a questão da autonomia feminina e a construção de espaços de participação igualitária entre homens e mulheres.

- A agroecologia permite a superação de muitas das dicotomias que reforçam a divisão sexual do trabalho em todo o sistema alimentar e tornam invisível o trabalho das mulheres.
- As lutas feministas e agroecológicas são elementos essenciais para a realização do direito à alimentação e nutrição e a promoção da segurança alimentar e nutricional e soberania alimentar.



#### **PALAVRAS-CHAVE**

- Agroecologia
- Feminismo
- Mulheres
- Nutrição
- Soberania alimentar